

# A imagem feminina em *Sex and the City*: uma análise de transitividade da narração<sup>1</sup>

---

Fábio Alexandre Silva Bezerra  
Universidade Federal de Santa Catarina

**Resumo:** Este trabalho<sup>2</sup> traz uma investigação sistêmico-funcional (Halliday 1994; Halliday; Matthiessen 2004), mais especificamente de transitividade, da imagem feminina no discurso da personagem-narradora do seriado estadunidense *Sex and the City*, Carrie Bradshaw. Com foco na metafunção ideacional, marcadamente seus significados experienciais, analiso as escolhas lexicogramaticais no texto como reveladoras de identidades de gênero. Resultados evidenciam a representação da mulher em um espaço de atuação mais amplo, contudo ainda restrito à esfera privada. Desta forma, demonstramos a utilidade da gramática sistêmico-funcional como instrumento analítico efetivo em investigações da língua em uso a fim de se estimular uma postura de leitura crítica.

**Palavras-chave:** LSF; transitividade; imagem feminina; *Sex and the City*

**Abstract:** This paper concerns a systemic functional investigation (more specifically of transitivity) (Halliday 1994; Halliday & Matthiessen 2004), of the image of women in the discourse of the narrator character of the USA TV series *Sex and the City*, Carrie Bradshaw. Focusing on the ideational metafunction, namely its experiential meanings, I analyze the lexicogrammatical choices in the text insofar as they reveal gender identities. Results show the representation of women in a broader space

---

1. Recebido em 14/06/2011. Aprovado em 03/10/2011.

2. Este artigo traz parte dos resultados de minha pesquisa de mestrado em Letras/Inglês e Literatura Correspondente, na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), intitulada: '*Sex and the City*': *An investigation of women's image in Carrie Bradshaw's discourse as narrator* (Bezerra 2008), sob orientação da Profa. Dra. Viviane M. Heberle. Atualmente, no doutorado em Letras/Inglês e Literatura Correspondente na UFSC, novamente sob orientação da Profa. Dra. Viviane M. Heberle, em co-tutela com o PhD in Linguistics na University of Sydney, sob orientação do Prof. Jim Martin, PhD, investigo o primeiro filme *Sex and the City*, com o foco mais abrangente em multimodalidade.

for action, though still limited to the private sphere. Therefore, we demonstrate the usefulness of systemic functional grammar as an effective analytical tool in investigations of language use to foster critical reading.

**Keywords:** SFL; transitivity; image of women; *Sex and the City*

**Resumen:** Este artículo es un estudio sistémico-funcional (Halliday 1994; Halliday y Matthiessen 2004), más específicamente de transitividad, de la imagen de la mujer en el discurso del personaje narrador de la serie de televisión de EE.UU. *Sex and the City*, Carrie Bradshaw. Centrándose en la metafunción ideacional, y sus significados experienciales, analizo las opciones léxico-gramaticales en el texto en la medida en que revelan identidades de género. Los resultados muestran la representación de las mujeres en un espacio más amplio para la acción, aunque todavía limitada a la esfera privada. Por lo tanto, demostramos la utilidad de la gramática sistémico-funcional como una herramienta eficaz de análisis en las investigaciones del uso del lenguaje para fomentar la lectura crítica.

**Palabras clave:** LSF; transitividad; imagen femenina; *Sex and the City*

## Introdução

Este artigo traz uma investigação sistémico-funcional (Halliday 1994; Halliday; Matthiessen 2004), mais especificamente de transitividade, da imagem feminina construída através do [e no] discurso da personagem-narradora do seriado estadunidense *Sex and the City*, Carrie Bradshaw.

Essa série de TV, produzida pelo canal HBO, resultante da compilação de colunas da escritora Candace Bushnell para o jornal *New York Observer*, tem como principal foco a vida de Carrie (colunista), Miranda (advogada), Samantha (relações públicas) e Charlotte (*marchand*). Essas melhores amigas são solteiras<sup>3</sup>, brancas, profissionais e de classe média alta, têm educação superior e idades entre 30 e 40 anos, e vivem em Nova Iorque no final dos anos 90 e início do século 21.

---

3. Durante a maior parte do tempo, todas elas são solteiras, mas duas delas se casam e as outras duas eventualmente também se encontram em relações heterossexuais estáveis próximo ao final do seriado.

A escolha de abordar as representações da imagem feminina nessa série de TV se deu, principalmente, pela necessidade de se investigar as formas pelas quais a mídia constrói discursos dominantes de femininidade e sexualidade. Além disso, a série de TV *Sex and the City*, e mais recentemente os dois filmes que dão sequência à narrativa interrompida em 2004, é mundialmente conhecida<sup>4</sup>, o que me provocou o interesse em conduzir análise sobre esse produto cultural, especialmente devido ao fato de que “usuários se identificam com personagens, ou, de forma mais abrangente, com o ethos (...), o ‘feel’ do mundo criado por determinada franquia” [minha tradução] (Lemke 2009: 147). Interessa, portanto, desvendar com quais representações de gênero o público tem desenvolvido tamanha identificação.

Com base em dados linguísticos concretos e com vistas à promoção de uma compreensão de identidades de gênero como construções socioculturais, examino a representação da mulher articulada no texto visando à desconstrução e discussão de possíveis discursos discriminatórios. Quanto à definição de gênero presente neste artigo, sigo a proposição de Moore (1999: 151) de que essa categoria deve ser entendida como “a elaboração cultural do sentido e significado dos fatos naturais de diferenças biológicas entre mulheres e homens” [minha tradução]. Em outras palavras, gênero é um conceito construído (Heberle 1997), ou como defende Wodak (1997: 3), “o conceito sexo/gênero opera sobre o princípio de que (...) as características atribuídas a um sexo por uma cultura são construções culturais” [minha tradução].

Quanto ao objeto da presente investigação, mais especificamente, analiso o discurso da personagem-narradora, Carrie Bradshaw, por ser exatamente em sua fala que há a tentativa de se criar um espaço de maior proximidade entre personagens e público, onde são problematizados diversos

---

4. *Sex and the City* é visto em diversos países, dentre os quais destaco: EUA, Canadá, México, Brasil, Alemanha, Reino Unido, Irlanda, França, Holanda, Suécia, Itália, Bélgica, Espanha, Finlândia, Rússia, Romênia, Bulgária, Turquia, Austrália, Nova Zelândia, Japão, Malásia, Tailândia, Singapura, Hong Kong, Índia, Paquistão, Filipinas, Lituânia, Letônia, Dinamarca e Hungria ([http://en.wikipedia.org/wiki/Sex\\_and\\_the\\_city](http://en.wikipedia.org/wiki/Sex_and_the_city)).

temas, que variam de questões sexuais a relacionamentos familiares e amorosos, bem como questões sobre moda, espiritualidade e trabalho, dentre outros assuntos que marcam a vida de mulheres solteiras em Nova Iorque na perspectiva da narrativa nessa série de TV.

A utilização de categorias da gramática sistêmico-funcional de Halliday (1994; 2004) como instrumento analítico justifica-se pelo fato de que essa perspectiva teórica nos permite desenvolver uma investigação de como as experiências foram representadas por meio das escolhas lexicogramaticais no texto, ou seja, o foco na questão da produção de sentidos a partir do uso concreto da linguagem, em seus mais variados contextos, abre um espaço de discussão produtivo, marcadamente quando se pesquisa questões de representações sociais, como é o caso de identidades de gênero.

## Objetivos

Ao analisar como as experiências são representadas no discurso da personagem-narradora, este estudo objetiva discutir a imagem feminina construída no último episódio da primeira temporada deste seriado de TV, o que pode servir de indicativo de uma questão identitária que se distribui na série como um todo. Esse objetivo encontra relevância acadêmica e social no fato de que a “construção das mulheres em termos de papéis reconhecíveis, imagens, modelos e rótulos, ocorre no discurso em resposta a imperativos sociais específicos” [minha tradução] (Rajan 1995: 129). Assim, a compreensão desse discurso é ação importante para o leitor no sentido de ter uma “atitude mais proativa na comunidade discursiva à qual pertence” (Bezerra 2003: 10).

No entanto, é importante destacar que o conceito de mulher não é uma noção monolítica, ou seja, “não há algo como ‘ser uma mulher’ fora das várias práticas que definem o ‘ser mulher’ para a minha cultura” [minha tradução] (Cameron 1995: 43), ou, ainda, como afirma Sarti (2002), não existe uma categoria universal de mulheres. Sendo assim, ao investigar assuntos referentes às mulheres, “é importante enfatizar que estudos contemporâneos de língua e

gênero levam em consideração diferentes variáveis sociolinguísticas em suas análises” [minha tradução] (Heberle 1997: 32), tais como idade, classe social e educação. Portanto, para desenvolver um estudo coerente com esse contexto teórico, foco não somente nas manifestações linguísticas, mas também nas implicações socioculturais que permeiam o meu objeto de análise a fim de evitar visões generalizantes a respeito das mulheres.

## **Fundamentação teórica**

Em uma perspectiva sistêmico-funcional, a linguagem é compreendida como um sistema de escolhas (Halliday 1994), as quais o usuário faz com vistas a um contexto específico. Dá-se ênfase, portanto, ao eixo paradigmático, em oposição a uma concepção mais formalista, cujo foco é o eixo sintagmático. Em outras palavras, a LSF “tem seu foco na organização da linguagem como opções para o significado (...) ao invés de regras para ordenar estruturas” [minha tradução] (Martin; Rose 2008: 21).

A fim de sistematizar o estudo da língua em uso, Halliday (1994) propôs sua Gramática Funcional, segundo a qual a língua é um *sistema de significados*. Nesse sentido, como afirmam Bloor e Bloor (1995: 1), “a gramática se torna um estudo de como significados são construídos através do uso de palavras” [minha tradução].

Nessa perspectiva proposta por Halliday (1994), somos parte de um sistema social em que há um sistema linguístico e uma estrutura social. Esse sistema linguístico é composto de níveis crescentes de abstração, partindo-se dos componentes fonológico e grafológico para um nível intermediário entre as dimensões de expressão e de conteúdo (Hjelmslev 1961) de descrição linguística – a lexicogramática –, e chegando-se, por fim, ao nível mais abstrato da língua, qual seja sua dimensão semântico-discursiva. Para dar conta desse componente semântico-discursivo mais abstrato, a língua é descrita em termos de três metafunções: ideacional, interpessoal e textual –, que são realizadas, respectivamente, pelo sistema de transitividade, pelo sistema de modo e pela estrutura temática.

Meu foco de análise neste artigo é a metafunção ideacional, mais especificamente os significados experienciais, que tratam da forma como expressamos nossas experiências internas e externas no mundo, e que, como dito anteriormente, é realizada pelo sistema de transitividade, segundo o qual a oração gramatical é uma forma de representar a realidade. Nessa visão, cada oração é analisada em relação aos processos realizados pelos verbos, ou grupos verbais, nela contidos, aos participantes envolvidos nesses processos e às circunstâncias associadas a esses mesmos processos.

Halliday (1994) descreve seis tipos de processos: Material, Mental, Comportamental, Verbal, Existencial e Relacional. Processos Materiais se referem principalmente a ações concretas e acontecimentos que provocam determinada mudança no mundo material (Martin; Matthiessen; Painter 2010), e.g.:

<b>Miranda e eu</b>	<b>iríamos comer</b>	<b>ovos.</b>
<i>Ator</i>	<i>Pr: MATERIAL</i>	<i>Meta</i>

Os processos Mentais abrangem a expressão de pensamentos e sentimentos, ou seja, nosso mundo interior (cognição, desejos, emoções e percepção), e.g.:

<b>eu</b>	<b>pensava</b>	<b>//que ele só acreditava nos Yankees.</b>
<i>Experienciador</i>	<i>Pr: MENTAL</i>	<i>Oração projetada</i>

Os processos Comportamentais têm características tanto dos processos Materiais quanto dos Mentais, e concernem atividades de um ser necessariamente consciente (humano), e.g.:

<b>eu</b>	<b>observava</b>	<b>as pessoas saírem da igreja.</b>
<i>Comportante</i>	<i>Pr: COMPORTAMENTAL</i>	<i>Extensão/oração encaixada</i>

Os processos Verbais, como o próprio termo indica, se referem a verbos ou grupos verbais que realizam o ato de fala em suas diversas modalidades, inclusive de forma metafórica, e.g.:

<b>ele</b>	<b>diria</b>	<b>//'Eu</b>	<b>te</b>	<b>amo'.</b>
<i>Dizente</i>	<i>Pr: VERBAL</i>	<i>Experienciador</i>	<i>Fenômeno</i>	<i>Pr: MENTAL</i>

Os processos Relacionais constroem relações entre os participantes envolvidos na oração gramatical ao lhes designar atributos ou valores, e.g.:

<b>Nova Iorque</b>	<b>é</b>	<b>uma cidade repleta [[de lugares para adorar]],</b>
<i>Portador</i>	<i>Pr: RELACIONAL</i>	<i>Atributo</i>

Por fim, temos os processos Existenciais, que se assemelham aos processos Relacionais no sentido de que “eles constroem um participante envolvido em um processo que destaca sua existência, mas diferem dos processos Relacionais no sentido de que sempre há apenas um participante” [minha tradução] (Martin; Matthiessen; Painter 2010: 108), e.g.:

<b>o que</b>	<b>há</b>	<b>entre Deus e a moda que faz com que combinem tão bem?</b>
<i>Existente</i>	<i>Pr: EXISTENCIAL</i>	<i>Circ: localização espacial</i>

Quanto à categorização de processos, é importante destacar que, mesmo havendo, atualmente, consistente bibliografia que nos ajuda a decidir quais processos certos verbos, ou grupos verbais, constroem em inglês, ainda há a necessidade de uma melhor descrição de casos especiais na língua portuguesa, visto que cada sistema linguístico tem suas potencialidades e idiosincrasias específicas. Também ressalto que o trabalho de categorização de processos tem um forte elemento semântico, característica essencial de uma perspectiva sistêmico-funcional. Como destaca Ravelli (2000: 37), “uma análise funcional não é apenas uma questão de utilizar rótulos [para certas categorias de processos]; esses rótulos refletem uma interpretação gramatical e semântica de um texto” [minha tradução]. Contudo, esse trabalho de categorização dos processos é essencial para que possamos ter uma compreensão do texto a partir de como determinada representação mundo foi construída (Butt et al. 2000: 75) e deve ser feito de maneira bastante criteriosa.

Os participantes “são as entidades representadas nos processos, pessoas, objetos, ações, que são realizadas pelo grupo nominal” [minha tradução] (Heberle 1997: 102). Observando-se os participantes, podemos analisar “características gerais, tais como se eles se referem a entidades concretas ou abstratas; caso sejam humanos, se são homens ou mulheres, etc.” [minha tradução] (Ravelli 2000: 36). Cada processo se refere a um grupo de participantes específico, quais sejam: a) ator, meta, cliente/recebedor e escopo (processos Materiais); b) experienciador e fenômeno (processos Mentais); c) comportante (processos Comportamentais); d) dizente, verbiagem, alvo e receptor (processos Verbais); e) portador, atributo, identificador e identificado (processos Relacionais); e) existente (processos Existenciais).

As circunstâncias, realizadas por advérbios, grupos adverbiais ou locuções prepositivas, “acompanham os diferentes processos e participantes [a fim de] dar suporte (...) ou acrescentar informação” [minha tradução] (Heberle 1997: 154) ao que está sendo representado na oração gramatical. Elas constroem informação sobre localização temporal e espacial, extensão temporal, modo, causa, contingência, papel, assunto, acompanhamento e ângulo da representação.

Como já mencionado, além do recorte teórico da LSF descrito anteriormente, também utilizo alguns conceitos discutidos em estudos de gênero a fim de enriquecer as discussões geradas a partir da análise linguística. Os estudos de gênero são marcados por dicotomias, quais sejam: doméstico/público (Rosaldo 1995) e natureza/cultura (Ortner 1979). Como pode ser visto em Heberle (1997) e em Rosaldo (1995), mesmo que em graus diferentes, as mulheres geralmente são associadas à esfera doméstica e os homens à pública, ou seja, mesmo em sociedades em que a divisão de papéis é mais igualitária, a mulher parece sempre conceber sua atuação a partir da esfera doméstica, como se pudesse atuar em momentos públicos, mas sem deixar sua identidade de mãe, por exemplo, em segundo plano. Outra dicotomia é entre natureza e cultura, em que, com base em fatores biológicos, a mulher é ligada à natureza, ou seja, a tudo aquilo que é relacionado ao dado, ao natural, ao preconcebido, ao passo que o homem é compreendido com vistas à cultura, ao que é construído, e por isso conquistado, por meio de relações de poder na sociedade em que atua.

Essas dicotomias refletem, na verdade, a divisão que há nos estudos de identidade em geral, marcadamente as de gênero, entre teóricos e pesquisadores que abordam a questão por um viés essencialista, caracterizando a identidade como algo inato, essencial, estável e, portanto, pré-discursivo, e aqueles que a veem como um construto social, reconhecendo seu caráter público, instável e, portanto, discursivo (Benwell; Stokoe 2006). Nesse contexto de dicotomias, a discussão da representação de identidades de gênero por meio da análise das escolhas lexicogramaticais presentes no texto que desenvolvo a seguir se localiza na segunda perspectiva (discursiva), em que se *faz* gênero, ou seja, na qual o gênero é visto como ato performativo (Butler 1990) em contextos sociais específicos e que se reconfigura de acordo com as idiossincrasias que marcam novos contextos.

Essa questão do contexto social tem relevância marcante na perspectiva teórica aqui adotada devido à inter-relação entre texto, discurso e sociedade, e, especialmente, pelo fato de que “leitura crítica implica em aprender a procurar por pistas textuais que levem à percepção da relação dialética existente entre linguagem e práticas sociais” (Meurer 2000: 160). Em outras palavras, o texto

fornece informação para a compreensão de como relações sociais influenciam e são influenciadas pelo nosso uso da linguagem. Também nessa perspectiva, van Dijk (1997: 3) argumenta que os usuários da língua, em seu envolvimento com textos em geral, “não só como falantes, escritores, ouvintes ou leitores, mas também como *membros* de categorias sociais, grupos, profissões, organizações, comunidades, sociedades ou culturas” [minha tradução], devem estar sempre conscientes do poder constitutivo da linguagem, tanto em sua utilização para a manutenção do *status quo*, quanto como agente de transformação da realidade social. Dessa maneira, devido ao fato de que a Análise Crítica do Discurso (ACD) objetiva discutir as implicações sociais, políticas, econômicas e culturais do discurso em diversos contextos sociais, a aplicação de seus conceitos e parâmetros de questionamentos da estrutura social são, também, de grande valia para a pesquisa sobre identidades de gênero.

A conexão, portanto, entre linguagem e sociedade tem destaque justamente pelo fato de que, em uma perspectiva sistêmico-funcional da linguagem, em que grande parte dos trabalhos em ACD são baseados, a análise de cada instância de uso da linguagem deve ser feita levando-se em consideração o contexto da situação imediata e o contexto mais amplo da cultura. Este ponto também é explorado por Fairclough e Wodak (1997: 258) quando afirmam que “descrever o discurso como prática social implica uma relação dialética entre um determinado evento discursivo e a(s) situação(ões), instituição(ões) e estrutura(s) social(is) que o delimitam” [minha tradução].

### *Data*

A presente série de TV teve início em 1998 e término em 2004, totalizando seis temporadas. No entanto, como dito anteriormente, analiso a narração do último episódio<sup>5</sup> da primeira temporada, mais especificamente

---

5. A narração, que se encontra no Anexo, foi transcrita e traduzida para utilização neste artigo, visto que o texto fonte é em inglês. Ademais, no corpo do artigo, mais especificamente na parte das Análises, são encontradas as orações traduzidas e numeradas.

as partes em que a personagem-narradora inclui a si própria no que diz. Esse recorte específico foi feito com o objetivo de manter os dados de análise reduzidos, de forma que o leitor possa lidar com ele com maior facilidade, visto que pode não estar suficientemente familiarizado com a análise linguística aqui desenvolvida, e, também, devido ao enfoque qualitativo do presente artigo em demonstrar como categorias da gramática sistêmico-funcional podem informar estudos de gênero.

No Anexo, o leitor verá a palavra *CORTE*, que representa o recorte descrito no parágrafo anterior. No entanto, para que o leitor possa compreender a narração analisada, também faço breves comentários explicando os temas e situações aos quais a personagem-narradora se refere, pois isso estará inacessível para o leitor que não veja o episódio.

Acredito, contudo, que os dados que compõem este artigo sejam suficientes para a ilustração e discussão de como a gramática sistêmico-funcional pode servir como um instrumento analítico efetivo em investigações que tenham como objetivo o estudo da língua em uso.

## **Procedimentos metodológicos**

Como já explicitado, utilizo categorias da gramática funcional de Halliday (1994) como instrumental de análise das representações contidas no discurso da personagem-narradora, bem como desenvolvo discussões dos significados discursivos dessas representações com base em conceitos de gênero.

O presente estudo se desenvolveu em diversas etapas. Primeiro, a narração do primeiro episódio da série de TV em análise foi transcrita e traduzida. Segundo, o texto transcrito foi dividido em orações gramaticais – unidade de análise desta pesquisa. Terceiro, com base nas orações gramaticais identificadas, foram categorizados e descritos os processos, os participantes envolvidos nos processos e as circunstâncias associadas aos mesmos. Devo salientar que as orações encaixadas, projetadas e reduzidas que julguei não dizerem respeito diretamente a representações da imagem da mulher não

foram analisadas, apesar de terem sido identificadas na transcrição. Em seguida, os resultados da categorização e descrição dos processos, participantes e circunstâncias associadas foram interpretados tendo em vista a proeminência das escolhas de transitividade da personagem-narradora (Carrie), a fim de podermos discutir, com base em dados linguísticos concretos, quais padrões representacionais emergem das análises.

Por fim, discussões foram desenvolvidas a respeito da imagem feminina construída através do [e no] discurso da narradora, com base nos resultados da análise de transitividade acima descrita e nos conceitos dos estudos de gênero anteriormente mencionados.

## **Análise**

Com base nas orações transcritas a seguir, a categorização<sup>6</sup> dos processos, participantes e circunstâncias está representada nas Tabelas 1 a 4. Após cada Tabela, seguem comentários acerca das ocorrências dos processos nas orações analisadas, dos participantes e dos processos em que estão envolvidos e das circunstâncias nesse grupo de orações, juntamente com as discussões no sentido de se produzir uma reflexão crítica sobre a imagem feminina representada no discurso da personagem-narradora.

- 1) Pessoas solteiras em Nova Iorque raramente perguntam sobre a religião de seus parceiros.
- 2) Pela mesma razão, elas não perguntam o número de parceiros sexuais anteriores – muito assustador.
- 3) Nova Iorque é uma cidade repleta de lugares para adorar, mas recentemente eu percebi que a única vez que ouvi alguém mencionar ir a um foi num encontro de solteiros.
- 4) São os relacionamentos a religião dos anos 90?

---

6. Para uma visualização mais detalhada dos processos, participantes e circunstâncias com suas devidas categorizações, vide Anexo.

- 5) Tendo sido criada na igreja do ‘seja boa com as pessoas e não fale com a boca cheia’, eu decidi conferir alguns tipos religiosos mais tradicionais no seu habitat natural.
- 6) Enquanto eu assistia as pessoas saírem da igreja, [7] eu fiquei impressionada com as suas aparências.
- 8) Valentino, Escada, Oscar de la Renta, o que há entre Deus e a moda que faz com que combinem tão bem?
- 9) E, de repente, lá estava ele vestindo Armani num domingo, Mr. Big.
- 10) Eu admito que foi um certo choque.
- 11) Até então, eu pensava que ele só acreditava nos Yankees.
- 12) Foi um daqueles momentos constrangedores no relacionamento [13] em que você sente [14] que nada sabe a respeito da pessoa [15] que você pensava que sabia tudo a respeito.
- 16) Domingo de manhã, um tempo para o descanso, para o relaxamento e para espiar. O plano era simples.
- 17) Apenas dar uma olhada na mãe, [18] e então Miranda e eu iríamos comer ovos.
- 19) À medida que eu observava Mr. Big de pé ao lado de sua mãe, alto, orgulhoso, respeitador, [20] eu me apaixonava mais um pouco por ele.
- 21) Eu fiquei acordada a noite toda, [22] questionando minha fé na fé.
- 23) Quero dizer, eu não tive em fé em nós esse tempo todo?
- 24) Fé de que toda a resistência cessaria.
- 25) Fé de que ele diria ‘Eu te amo’.
- 26) Depois que ele partiu, eu chorei por uma semana.
- 27) E então, eu percebi que eu tenho fé. Fé em mim mesma.
- 28) Fé de que eu um dia encontraria alguém [29] que estaria certo [30] que eu sou a mulher de sua vida.

Tabela 1 – Ocorrências dos processos nas orações analisadas.

		OCORRÊNCIAS	Nº	%
P R O C E S S O S	<b>Material</b>	tendo sido criada, vestindo, dar, iríamos comer, encontraria, cessaria.	6	16.66%
	<b>Mental</b>	percebi (2), decidi conferir, pensava (2), sente, sabe, sabia, me apaixonava, questionando, amo.	11	30.55%
	<b>Comportamental</b>	observava (2), chorei.	3	8.33%
	<b>Verbal</b>	perguntam, não perguntam, admito, diria.	4	11.11%
	<b>Relacional</b>	é, são, estava, foi, fiquei (2), era, não tive, tenho, estaria, sou.	11	30.55%
	<b>Existencial</b>	há.	1	2.77%
	<b>TOTAL</b>		36	100%

Vemos, na Tabela 1, que os processos com maior proeminência são os Relacionais (30.55%), os Mentais (30.55%) e os Materiais (16.66%), respectivamente. Os processos com maior número de ocorrências são, portanto, os Relacionais (30.55%) e os Mentais (30.55%). A grande frequência dos processos Relacionais revela a importância dada, na narração, ao estabelecimento de relações entre os participantes neles envolvidos, relações de atribuição de características ou, ainda, de estabelecimento de identidades. Esses dados são essenciais, pois, antes de desenvolvermos reflexões e críticas, é necessário estabelecermos a conexão entre os assuntos aos quais nos referiremos, atribuindo a eles características definidoras e diferenciadoras dos demais.

A constante utilização de processos Mentais, por sua vez, também não deve nos causar surpresa, devido ao fato de o momento discursivo em que são produzidos ser de reflexão acerca dos acontecimentos do episódio. Contudo, há dados importantes quanto a esses processos, como o fato de que todos eles

se referem ao assunto de relacionamentos amorosos. Acredito ser bastante revelador o resultado de que a totalidade dos questionamentos, reflexões, dúvidas e anseios abordados na narração nesse episódio se circunscrevem apenas a esse assunto. Poderíamos nos perguntar: as mulheres têm outras preocupações além dos relacionamentos amorosos? Daí a importância de uma discussão crítica desses resultados encontrados.

Seguindo essa discussão, poderíamos, a princípio, considerar positivo o fato de termos tantos processos Materiais (16.66%) em uma situação discursiva em que a personagem-narradora está promovendo reflexões a respeito do que ocorre no episódio, já que estaríamos vendo a mulher como um sujeito ativo, desempenhando ações concretas no processo em que está inserida. No entanto, no presente estudo, essa seria uma conclusão apenas parcialmente correta, pois podemos notar que todas as ações representadas por esses processos se circunscrevem à esfera privada/doméstica (Rosaldo 1995).

Vale ressaltar que não se deve restringir o sentido de *doméstico* ao que acontece no lar. Doméstico é tudo aquilo que acontece na esfera privada das pessoas, ou seja, que não tenha um efeito claro e imediato no âmbito do social/público. Por exemplo, na oração abaixo, Carrie e Miranda realizam um processo Material, mas que se restringe à esfera privada, mesmo não sendo desenvolvido no lar, pois as personagens se referiam a um restaurante aonde iriam ao final do dia.

18) e então Miranda e eu iríamos comer ovos.

Percebe-se, assim, que a narradora restringe o âmbito das ações da mulher à esfera privada, o que é revelador no que tange à imagem feminina, já que dos sete processos Materiais, quatro têm as mulheres como participantes dinâmicos, o que será discutido nos comentários da Tabela 2.

Os outros dois tipos de processos menos frequentes são os Verbais (11.11%) e os Comportamentais (8.33%). Acredito ser bastante positivo o fato de as mulheres terem espaço cada vez maior de expressão de suas ideias, sentimentos e anseios, mas isso não pode nos fazer ignorar outro fato

também revelador, e, em minha opinião, preocupante, de que a esfera em que essas expressões acontecem, geralmente, ainda se limita à vida privada. Por exemplo, no seguinte exemplo, Carrie expressa um pensamento, mas que, na verdade, refere-se às crenças de seu namorado, ou seja, não se trata de suas preocupações, ideias ou anseios.

12) Até então, eu pensava que ele só acreditava nos Yankees.

Temos, ainda, processos Existenciais, mas com contagem inexpressiva (2.77%).

Obviamente, minhas análises e conclusões se referem aos dados colhidos apenas de parte da narração deste episódio em específico, o que é um universo pequeno diante dos 94 episódios da série<sup>7</sup>. No entanto, essa discussão provavelmente encontra reflexo na sociedade como um todo, em que as mulheres, em geral, ainda têm uma ligação muito forte com o que é privado, mesmo quando também atuam na vida pública.

Para exemplificar essa discussão, podemos ver como isso é feito nas seguintes orações:

28) Fé de que eu um dia encontraria alguém [29) que estaria certo

[30) que eu sou a mulher de sua vida.

Vemos o estabelecimento do homem como a pessoa que deve *estar certa* quanto ao fato de determinada mulher ser ou não *a mulher de sua vida*. Por conseguinte, as mulheres são classificadas, por um processo Relacional, como as que devem *ser escolhidas* na medida em que consigam corresponder às expectativas desse homem. Essa questão do dinamismo da ação dos participantes é discutida a seguir com base nos dados da Tabela 2.

---

7. Para uma análise mais abrangente, vide Bezerra (2008), minha dissertação de Mestrado constante nas Referências.

Tabela 2 – Ocorrências de participantes dinâmicos e os tipos de processos em que estão envolvidos.

		PARTICIPANTES DINÂMICOS*			
		Mulheres	Homens	Homens e Mulheres	Outros**
P R O C E S S O S	Material	3	1	---	1
	Mental	10	1	---	---
	Comportamental	2	---	---	---
	Verbal	1	1	2	---
	Relacional	3	2	---	4
	Existencial	---	---	---	1
	TOTAL	19	5	2	6
	%	59.37%	15.62%	6.25%	18.75%

Como observamos na Tabela 2, a grande maioria (81.24%) dos participantes dinâmicos se referem a pessoas. Ademais, as mulheres são participantes dinâmicos na maioria dos processos (59.37%). Esses dados destacam o espaço da narração reservado para a expressão das experiências da mulher no mundo representado no texto em análise. Vale ressaltar, mais

---

\* Utilizo o termo *Dinâmicos* na Tabela 2 e *Passivos* na Tabela 3, tendo como fonte Hasan em seu livro *Linguistics, language and verbal art* (vide Referências). No entanto, devo, ainda, esclarecer que uso esses termos de uma forma mais simplificada que a autora, pois neste artigo quando uso o termo *Dinâmicos*, refiro-me a quem atua no processo (verbo), e quando uso o termo *Passivos*, quero dizer quem sofre a ação do processo. Já Hasan trabalha com tais termos de uma forma ainda mais específica, dizendo que os graus de dinamismo e passividade variam em comparação com agentes de outros processos do mesmo texto.

\*\* Utilizo a palavra *Outros* nas Tabelas 2 e 3 no sentido de qualquer participante que não seja um ser humano, podendo variar entre sentimentos, lugares e objetos, cuja diferenciação não considere relevante para o presente trabalho.

uma vez, que esse maior espaço de atuação não implica, necessariamente, a representação da mulher em uma posição emancipada, pois a esfera em que se insere ainda é predominantemente privada.

São nos processos Relacionais que os homens se envolvem de maneira mais dinâmica, tendo seus atributos e valores atribuídos pela mulher, como podemos ver na oração n° 29:

28) Fé de que eu um dia encontraria alguém [29] que estaria certo [30] que eu sou a mulher de sua vida.

A maior concentração da atuação da mulher como participante dinâmico se dá em processos que se referem a ações no mundo material (processos Materiais), a reflexões (processos Mentais) e a relações (processos Relacionais). É importante termos em mente, como discutido na Introdução deste artigo, que ao falar sobre a representação da mulher construída através das escolhas lexicogramaticais presentes no discurso da narradora, estamos nos referindo a um grupo de mulheres específico: mulheres solteiras, com educação superior, profissionais, de classe média alta, brancas, com idades entre 30 e 40 anos. Ou seja, essas discussões se referem a esse grupo de mulheres, o que não significa dizer, contudo, que outras mulheres em situações socioeconômicas e culturais diversas não se identificarão com as ideias aqui apresentadas – o que, na verdade, é indicado pela difusão cultural que *Sex and the City* demonstra ter nas mais diversas sociedades (vide nota de rodapé 3).

No entanto, mesmo havendo essa presença maciça em diversas culturas, insisto que não devemos generalizar ideias, conclusões, afirmações sobre mulheres em uma situação específica para uma generalidade universal, caso contrário haveria o risco de perdermos as riquezas que residem precisamente nas idiossincrasias provenientes da diversidade cultural e social, especialmente devido à fluidez da identidade social, ou seja, ao fato de que as representações da mulher nesse episódio, desta série de TV específica, devem ser entendidas de maneira contextualizada, o que implica dizer que, em outros contextos

(em outros episódios, por exemplo), elas podem vir a ser (re)construídas de maneira diversa (Moita Lopes 2006).

A seguir, a partir dos dados da Tabela 3, discutimos quais participantes são mais passivos na realização dos processos nas orações analisadas.

Tabela 3 – Ocorrências de participantes passivos e os tipos de processos em que estão envolvidos.

		PARTICIPANTES PASSIVOS				
		Mulheres	Homens	Homens e Mulheres	Outros	Nenhum
P R O C E S S O S	Material	1	2	---	---	2
	Mental	2	3	3	4	---
	Comportamental	---	2	1	1	1
	Verbal	---	---	---	2	---
	Relacional	2	---	---	7	1
	Existencial	---	---	---	---	1
	<b>TOTAL</b>	5	7	4	14	5
	<b>%</b>	14.28%	20%	11.42%	40%	14.28%

A categoria *Outros*, que corresponde a quaisquer participantes que não sejam seres humanos, dentre os participantes passivos (Tabela 3), é individualmente a mais frequente (40%), em contraposição ao que acontece com os participantes dinâmicos. Tal dado pode ser explicado pelo fato de que o participante ao qual a maioria dos processos se dirigem se referem a sentimentos, ideias, lugares, discutindo seus valores (Mentais), estabelecendo relações entre eles (Relacionais) e sendo, ainda, assunto do que se diz (Verbais). Destaco que, dentre os processos nos quais os homens são participantes passivos, os Mentais são os mais frequentes, o que dá destaque

a sua posição como o foco dos anseios, sentimentos, preocupações, sonhos e expectativas da mulher.

20) eu me apaixonava mais um pouco por ele.

Interessante notar que as mulheres são representadas com menor frequência como participantes passivos, o que ressalta, portanto, seu espaço de atuação mais dinâmica por meio da representação construída no discurso da personagem narradora.

30) que eu sou a mulher de sua vida.

Como dito anteriormente, o item *Outros* é individualmente o mais frequentemente construído como participante passivo (40%). No entanto, quando somamos a frequência com que mulheres e homens ocupam essa função (45.70%), podemos notar que ultrapassam em frequência, o que revela que, em geral, o ser humano é construído lexicogramaticalmente como participante de maior relevância nas orações analisadas. Esse dado pode ser explicado pelo fato de que a narração nesse episódio se refere, em grande parte, ao tema de relacionamentos amorosos.

Ademais, vemos que, em 14.28% dos processos, somente o participante dinâmico foi representado, devido a sua maior relevância no contexto específico, ou, ainda, porque apenas a participação dinâmica era possível (caso de intransitividade), como na seguinte oração:

27) Depois que ele partiu, eu chorei por uma semana.

A Tabela 4 abaixo nos apresenta um levantamento geral das circunstâncias das orações que compõem os dados deste estudo.

Tabela 4 – Ocorrências das circunstâncias nas orações analisadas.

	CIRCUNSTÂNCIAS						
	Localização temporal	Extensão temporal	Localização espacial	Assunto	Modo	Causa	TOTAL
Nº	5	5	6	2	2	1	21
%	23.80%	23.80%	28.57%	9.52%	9.52%	4.76%	100%

Circunstâncias são importantes na determinação das condições em que os processos acontecem. No entanto, há a possibilidade de termos orações sem a especificação das circunstâncias, o que aconteceu em 50% das orações analisadas. Contudo, pode perceber que isso ocorreu devido ao fato de que na outra metade das orações houve determinação das circunstâncias e essas já estabeleciam o contexto, especialmente espacial e temporal, para as outras orações circundantes.

Dentre as circunstâncias encontradas, a imensa maioria foi de localização/extensão temporal (47.60%) e localização espacial (28.57%), totalizando 76.17%.

- 1) Pessoas solteiras em Nova Iorque raramente perguntam sobre a religião de seus parceiros.
- 21) Eu fiquei acordada a noite toda

Podemos interpretar esse dado no sentido de que são os elementos temporais e espaciais que têm predominância na criação de uma relação entre algo que contamos e o nosso interlocutor, pois, para que este se identifique com o que está tendo contato, é preciso haver um referencial. Não estou afirmando que é necessário que o tempo e o espaço sejam o mesmo em que o interlocutor se encontra, mas ele precisa saber em que contexto temporal e de que lugar social fala o produtor do texto, especialmente quando se está construindo representações da imagem feminina em uma série de TV que tem a cidade onde os eventos se passam como o quinto personagem principal. A série

de TV *Sex and the City* é celebrada, especialmente, por tratar das peculiaridades de se viver e ter uma vida amorosa em uma megalópole como Nova Iorque.

## Implicações pedagógicas

A utilização da gramática sistêmico-funcional em sala de aula pode contribuir para que os alunos vejam que a linguagem é algo dinâmico, pois é utilizada com objetivos diferentes, em momentos e lugares também diversos.

Dessa maneira, é possível promover entre nossos alunos uma visão da linguagem focada no uso concreto, e não em regras abstratas, que de muito pouco servem em nossa vida diária. Além disso, por sabermos que as escolhas que fazemos ao utilizarmos a linguagem são formas de representarmos a realidade (Halliday 1994), devemos criar o espaço em sala de aula para uma discussão do caráter não-apriorístico da linguagem, ou seja, para a questão de que ela só adquire sentido quando utilizada em um contexto específico.

Ao focarmos no aspecto constitutivo da linguagem, a partir de seus marcadores socioculturais, estaremos contribuindo para a viabilização de um espaço dialógico para o desenvolvimento de um trabalho emancipatório, no qual os alunos terão a chance de se posicionar em relação ao que eles próprios e outras pessoas dizem de uma forma mais madura e consciente das implicações sócio-históricas e culturais da utilização da linguagem. Utilização essa imbuída de ideologias diversas, o que deve sempre nos manter atentos ao fato de que as opções linguísticas que fazemos nos mais diversos textos que produzimos, orais, escritos ou multimodais, *significam* algo, pois, ao representarmos nossas experiências de uma forma e não de outra, estamos nos posicionando diante da mensagem que estamos produzindo.

Portanto, a prática pedagógica crítica aliada ao trabalho com a linguagem em uma perspectiva sistêmico-funcional apresenta o potencial de permitir que o professor dê espaço ao diálogo e às diferentes vozes em sala de aula, bem como aos diferentes sentidos em um texto. Assim, esperamos, também, que os alunos se sintam motivados a estudar a sua língua nas suas mais diversas manifestações, por verem que ela já faz parte de suas vidas

diárias, criando “uma ponte perfeita entre conhecimento teórico-científico e a prática” (Bezerra 2003: 22). Além disso, na medida em que desenvolvem seu conhecimento sobre a linguagem e seu caráter constitutivo, os alunos podem fazer melhor uso dela, tanto como leitores quanto produtores de textos, especialmente em uma sociedade globalizada, na qual se exige, de forma crescente, que as pessoas sejam capazes de interagir de forma crítica e criativa com textos escritos, orais, imagens, esculturas, filmes, música, dentre diversas outras modalidades de expressão.

### **Considerações finais**

Neste artigo, objetivei demonstrar, com os resultados da análise desenvolvida, que um trabalho com a linguagem de maneira contextualizada e funcional, levando-se em consideração aspectos socioculturais, pode ser uma alternativa viável e produtiva para desenvolvermos uma ação pedagógica de letramento que aborde o texto além do nível da superfície. O foco deve estar, portanto, em se compreender como a linguagem é utilizada no texto com objetivos específicos e, a partir de dados concretos fornecidos por uma análise baseada na gramática funcional, analisar-se os discursos que subjazem tais textos, a fim de desvendar se os mesmos têm um caráter emancipatório ou apenas mantenedor do *status quo*.

Como resultado geral das análises, demonstramos a representação, no discurso da personagem-narradora, da mulher que vive um momento histórico decorrente de duras conquistas, um momento em que pode expressar o que pensa sobre variados tópicos, tais como: sexo, trabalho, amizades, espiritualidade e casamento na mídia televisiva. No entanto, também observamos que essa sua atuação por meio da expressão de suas preocupações, anseios, ações e relações não está representada como tendo impacto no âmbito social/público, esfera historicamente ocupada de maneira mais ampla e consistente pelos homens na mídia. Certamente, mudanças significativas têm sido vistas nas últimas duas décadas, com a mulher tendo espaço crescente, por exemplo, como personagens principais em séries de TV, mas ainda é o caso

de que, em sua maioria, elas são representadas com foco na esfera privada, o que é constatado em várias séries de TV que têm mulheres como personagens principais ou de marcante relevância na narrativa: *The L Word* (Beirne 2007); *Desperate Housewives* (Clapson 2005); *The Simpsons* (Henry 2007); *The Sopranos* (LeBesco 2006); *Xena, Nikita* e *Buffy* (Magoulick 2006).

Acredito, portanto, que investigações que objetivam desconstruir e discutir discursos sobre identidades de gênero têm muito a se beneficiar de uma perspectiva funcional de estudo da linguagem, devido ao seu aspecto analítico, descritivo e contextualizado, além de sua produtiva e constante associação com estudos críticos do discurso. É inegável a relevância social e acadêmica de se promover uma compreensão inclusiva de identidades de gênero, ou seja, que reconheça o sujeito inacabado em sua complexidade, ambiguidade e fluidez – características essas que precisamente definem o *ser humano*.

## Referências bibliográficas

BEIRNE, Rebecca. 2007. Dirty lesbian pictures: Art and pornography in *The L Word*. *Critical Studies in Television* 2(1):90-101.

BENWELL, Bethan; E. STOKOE. 2006. *Discourse and identity*. Edinburgh: Edinburgh University Press.

BEZERRA, Fábio. 2003. O gênero textual “Mensagem ao Consumidor” nas contas de energia elétrica da SAELPA: A relação discursiva entre as partes. *Letr@ Viv@* 5(1):9-26.

\_\_\_\_\_. 2008. *‘Sex and the City’: An investigation of women’s image in Carrie Bradshaw’s discourse as narrator*. Dissertação de Mestrado. Pós-graduação em Inglês. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC.

BLOOR, Thomas; BLOOR, Meriel. 1995. *The functional analysis of English*. London; New York: Arnold.

BUTLER, Judith. 1990. *Gender trouble: Feminism and the subversion of identity*. London; New York: Routledge.

BUTT, David; R. FAHEY; S. FEEZ; S. SPINKS.; C. YALLOP. 2000. *Using functional grammar: An explorer's guide*. Sydney: National Centre for English Language Teaching and Research, Macquarie University.

CAMERON, D. 1995. Rethinking language and gender studies: Some issues for the 1990s. In: S. Mills (Ed.), *Language and gender: Interdisciplinary perspectives*. London: Longman.

CLAPSON, Mark. 2005. Not so desperate housewives. *History Today* 55(9): 38.

FAIRCLOUGH, Norman; WODAK, R. 1997. Critical discourse analysis. In: T. A. van Dijk (org.), *Discourse as social interaction*. London; Thousand Oaks; New Delhi: Sage, pp. 258-284.

HALLIDAY, M.A.K. 1994. *An introduction to functional grammar*. 2 ed. London: Edward Arnold.

HALLIDAY, M.A.K; C. M.I.M. MATTHIESSEN. 2004. *An introduction to functional grammar*. 3. ed. London: Hodder Arnold.

HASAN, Ruqaiya. 1985. *Linguistics, language and verbal art*. Melbourne: Deakin University Press, pp. 45-46.

HEBERLE, Viviane. 1997. *An investigation of textual and contextual parameters in editorials of women's magazines*. Tese de Doutorado. Pós-graduação em Inglês. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC.

HENRY, Matthew. 2007. "Don't ask me, I'm just a girl": Feminism, female identity, and "The Simpsons". *Journal of Popular Culture* 40(2): 272-303.

HJELMSLEV, Louis. 1961. *Prolegomena to a theory of language*. Madison; Milwaukee; London: The University of Wisconsin Press.

LEBESCO, Kathleen. 2006. Disability, gender and difference on The Sopranos. *Women's Studies in Communication* 29(1): 39-58.

LEMKE, Jay. 2009. Multimodality, identity and time. In: C. Jewitt (Org.). *The Routledge handbook of multimodal analysis*. Abingdon: Routledge, pp. 140-150.

MAGOULICK, Mary. 2006. Frustrating female heroism: Mixed messages in “Xena”, “Nikita”, and “Buffy”. *Journal of Popular Culture* 39(5): 729-755.

MARTIN, James R.; ROSE, D. 2008. *Genre relations: Mapping Cultures*. London; Oakville: Equinox.

MARTIN, James R.; MATTHIESSEN, C. M. I. M.; PAINTER, C. 2010. *Deploying functional grammar*. Beijing: The Commercial Press.

MEURER, José L. 2000. O trabalho de leitura crítica: Reconstituo representações, relações e identidades sociais. *Ilha do Desterro* 38: 155-171.

MOITA LOPES, Luis P. da. 2006. “Falta homem até pra homem”: A construção da masculinidade hegemônica no discurso midiático. In V. M. Heberle; A. C. Ostermann; D. de C. Figueiredo (Orgs.). *Linguagem e gênero no trabalho, na mídia e em outros contextos*. Florianópolis: Editora da UFSC, pp. 131-157.

MOORE, Henrietta. 1999. Whatever happened to women and men? Gender and other crisis in anthropology. In: *Anthropological Theory Today*. Cambridge: Polity Press, pp. 151-171.

ORTNER, Sherry. 1979. Está a mulher para o homem assim como a natureza para a cultura? In: M. ROSALDO; L. LAMPHÈRE (Orgs.). *A mulher, a cultura e a sociedade*, Rio de Janeiro: Paz e Terra, pp. 95-120.

RAJAN, Ra S. 1995. *Real and imaged women: Gender, culture and postcolonialism*. London; New York: Routledge.

RAVELLI, Louise. 2000. Getting started with functional analysis of texts. In: L. Unsworth (Org.). *Researching language in schools and communities. Functional linguistics perspectives*. London; Washington: Cassell, pp. 27-64.

ROSALDO, Michelle. 1995. O uso e o abuso da antropologia: Reflexões sobre o feminismo e o entendimento intercultural. *Horizontes Antropológicos* 1(1): 11:36.

SARTI, Cynthia. 2004. A. O feminismo brasileiro desde os anos 1970: Revisitando uma trajetória. *Revista Estudos Feministas* 12(2): 35-50.

VAN DIJK, Teun A. 1997. Discourse as interaction in society. In: *Discourse as social interaction*. London: Sage, pp. 1-37.

WODAK, Ruth. 1997. Introduction: Some important issues in the research of gender and discourse. In: *Gender and discourse*. London: Sage, pp. 1-20.

## Anexo

<b>Pessoas solteiras</b>	<b>em Nova Iorque</b>	<b>raramente</b>	<b>perguntam</b>	<b>sobre a religião de seus parceiros.</b>
<i>Dizente</i>	<i>Circ: localização espacial</i>		<i>Pr: VERBAL</i>	<i>Circ: assunto</i>
<b>Pela mesma razão,</b>	<b>elas</b>	<b>nao perguntam</b>	<b>o número de parceiros sexuais anteriores</b>	<b>- muito assustador.</b>
	<i>Dizente</i>	<i>Pr: VERBAL</i>	<i>Verbiagem</i>	
<b>Nova Iorque</b>	<b>é</b>	<b>uma cidade repleta [[de lugares para adorar]],</b>		
<i>Portador</i>	<i>Pr: RELACIONAL</i>	<i>Atributo</i>		

<b>// mas</b>	<b>eu</b>	<b>recentemente</b>	<b>percebi</b>	<b>[[que a única vez [[que ouvi [[alguém mencionar [[ir a um]] ]]]] foi num encontro de solteiros]].</b>	
	<i>Experienciador</i>	<i>Circ: localização temporal</i>	<i>Pr: MENTAL</i>	<i>Fenômeno/oração encaixada</i>	
<b>São</b>		<b>os relacionamentos</b>	<b>a religião dos anos 90?</b>		
<i>Pr: RELACIONAL</i>		<i>Identificado</i>	<i>Identificador</i>		
<u>Explicando as cenas seguintes:</u>					
<input type="checkbox"/> Carrie está em frente a uma igreja em sua vizinhança observando as pessoas que saem dela depois de um culto.					
<b>Tendo sido criada</b>	<b>na igreja do [[‘seja boa com as pessoas // e não fale com a boca cheia’]],</b>		<b>eu</b>	<b>decidi conferir</b>	
<i>Pr: MATERIAL</i>	<i>Circ: localização espacial</i>		<i>Experienciador</i>	<i>Pr: MENTAL</i>	
<b>alguns tipos religiosos mais tradicionais</b>	<b>no seu habitat natural.</b>				
<i>Fenômeno</i>	<i>Circ: localização espacial</i>				
<b>Enquanto</b>	<b>eu</b>	<b>observava</b>	<b>as pessoas saírem da igreja,</b>		
	<i>Comportante</i>	<i>Pr: COMPORTAMENTAL</i>	<i>Extensão/oração encaixada</i>		
<b>eu</b>	<b>fiquei</b>	<b>impressionada</b>	<b>com as suas aparências.</b>		
<i>Portador</i>	<i>Pr: RELACIONAL</i>	<i>Atributo</i>	<i>Circ: causa</i>		
<b>Valentino, Escada, Oscar de la Renta,</b>	<b>o que</b>		<b>há</b>	<b>entre Deus e a moda que faz com que combinem tão bem?</b>	
	<i>Existente</i>		<i>Pr: EXISTENCIAL</i>	<i>Circ: localização espacial</i>	
<b>E</b>	<b>de repente</b>		<b>lá</b>	<b>estava</b>	<b>ele</b>
	<i>Circ: modo</i>		<i>Circ: localização espacial</i>	<i>Pr: RELACIONAL</i>	<i>Identificador</i>

<b>//vestindo</b>		<b>Armani</b>	<b>num domingo,</b>	<b>Mr. Big.</b>	
<i>Pr: MATERIAL</i>		<i>Escopo</i>	<i>Circ: localização temporal</i>	<i>Ator</i>	
<b>Eu</b>	<b>admito</b>		<b>[[que foi um certo choque]].</b>		
<i>Dizente</i>	<i>Pr: VERBAL</i>		<i>Verbiagem/oração encaixada</i>		
<b>Até então,</b>	<b>eu</b>	<b>pensava</b>	<b>//que ele só acreditava nos Yankees.</b>		
<i>Circ: extensão temporal</i>	<i>Experienciador</i>		<i>Pr: MENTAL</i>	<i>Oração projetada</i>	
<u>Explicando as cenas seguintes:</u>					
<input type="checkbox"/> Big vê Carrie e atravessa a rua para falar com ela. Ela começa a fazer graça do fato de ele frequentar igreja e ele diz que é apenas algo que ele faz com a mãe todos os domingos, já que ele é ateu.					
<b>Foi</b>		<b>um daqueles momentos constrangedores no relacionamento</b>			
<i>Pr: RELACIONAL</i>		<i>Atributo</i>			
<b>//em que</b>		<b> você </b>	<b> sente </b>		
		<i>Experienciador</i>	<i>Pr: MENTAL</i>		
<b>[[que</b>	<b>nada</b>		<b>sabe</b>	<b>a respeito da pessoa</b>	
	<i>Fenômeno</i>		<i>Pr: MENTAL</i>	<i>Circ: assunto</i>	
<b>[[que</b>	<b> você </b>	<b>pensava</b>	<b>//que</b>	<b>sabia</b>	<b>tudo a respeito]]</b> ).
	<i>Experienciador</i>	<i>Pr: MENTAL</i>		<i>Pr: MENTAL</i>	<i>Fenômeno</i>
<b>[CORTE]</b>					
<u>Explicando as cenas seguintes:</u>					
<input type="checkbox"/> Secretamente, Carrie vai à igreja com Miranda na tentativa de dar uma olhada na mãe de Big.					
<b>Domingo de manhã, um tempo para o descanso, para o relaxamento e [[para espiar]].</b>		<b>O plano</b>	<b>era</b>	<b>simples.</b>	

<i>Circ: localização temporal</i>	<i>Portador</i>	<i>Pr: RELACIONAL</i>	<i>Atributo</i>		
<b>Apenas</b>	<b>dar</b>	<b>uma olhada</b>	<b>na mãe,</b>		
	<i>Pr: MATERIAL</i>	<i>Escopo</i>	<i>Circ: Localização espacial</i>		
<b>//e então</b>	<b>Miranda e eu</b>	<b>iríamos comer</b>	<b>ovos.</b>		
	<i>Ator</i>	<i>Pr: MATERIAL</i>	<i>Meta</i>		
<b>À medida que</b>	<b>eu</b>	<b>observava</b>	<b>Mr. Big de pé ao lado de sua mãe, alto, orgulhoso, respeitador,</b>		
	<i>Comportante</i>	<i>Pr: COMPORTAMENTAL</i>	<i>Extensão</i>		
<b>//eu</b>	<b>me apaixonava (por)</b>	<b>mais um pouco</b>	<b>ele.</b>		
<i>Experienciador</i>	<i>Pr: MENTAL</i>	<i>Circ: modo</i>	<i>Fenômeno</i>		
<b>[CORTE]</b>					
<u>Explicando as cenas seguintes:</u>					
<input type="checkbox"/> Enquanto Carrie espera Big ir pegá-la para a viagem deles ao Caribe, ela começa a pensar sobre relacionamentos.					
<b>Eu</b>	<b>fiquei</b>	<b>acordada</b>	<b>a noite toda</b>	<b>questionando</b>	<b>minha fé na fé.</b>
<i>Portador</i>	<i>pr: RELACIONAL</i>	<i>Atributo</i>	<i>circ: extensão temporal</i>	<i>pr: MENTAL</i>	<i>Fenômeno</i>
<b>Quero dizer,*</b>	<b>eu</b>	<b>não tive</b>	<b>fé [em nós]</b>	<b>esse tempo todo?</b>	
<i>*marcador discursivo</i>	<i>Portador</i>	<i>pr: RELACIONAL</i>	<i>Atributo</i>	<i>circ: extensão temporal</i>	
<b>(...)* Fé</b>	<b>de que</b>	<b>toda a resistência</b>	<b>cessaria.</b>		
<i>Atributo</i>		<i>Ator</i>	<i>pr: MATERIAL</i>		

(...) Fé	de que	ele	diria	//'Eu	te	amo'.
Atributo		Di-zente	pr: VERBAL	Experiencia-dor	Fenômeno	Pr: MENTAL
Explicando as cenas seguintes:						
<input type="checkbox"/> Carrie encontra Big em frente ao seu prédio e o confronta, dizendo que ela precisa de um sinal de que o que ele sente por ela é real. Ela pede que ele diga que a ama, mas ele não o faz. Então, ela decide não mais viajar, o que representa o final do relacionamento deles.						
Depois que ele partiu,		eu	chorei	por uma semana.		
circ: localização temporal		Comportante	pr: COMPORTAMENTAL	circ: extensão temporal		
E então,		eu	percebi	[[que	tenho	fé]].
					Pr: RELACIONAL	Atributo
		Experiencia-dor	pr: MENTAL	Fenômeno/oração encaixada		
(...) Fé		em mim mesma.				
Atributo		circ: localização espacial				
(...) Fé	[[de que	eu	um dia	encontraria	alguém	
Atributo		Ator	circ: localização temporal	pr: MATERIAL	Meta	
[[que			estaria	certo		
Portador			pr: RELACIONAL	Atributo		
[[que	eu	sou	a mulher de sua vida]] ]].			
	Identificado	pr: RELACIONAL	Identificador			

\* Este símbolo (...) é utilizado para representar uma oração elíptica, isto é, a parte da oração onde o símbolo se encontra é complemento de uma oração anterior omitida através de elipse.